

O GESTO E A PESCA: PRÁTICAS DE ARTE EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM CRIANÇAS DA PRAIA E DO MAR*

GESTURE AND FISHING: ENVIRONMENTAL ART EDUCATION PRACTICES WITH CHILDREN FROM THE BEACH AND THE SEA

Icaro Iago Santos de Almeida¹
Ana Elisa de Castro Freitas²

Resumo

O presente artigo situa-se no campo da educação ambiental em uma perspectiva crítica e interdisciplinar, explorando suas interfaces com o ensino das artes. Aderente às correntes pedagógicas implicadas na valorização do conhecimento advindo da experiência, assume-se o desafio de formular estratégias que possibilitem abordar as questões ambientais contemporâneas de forma transversal com as diversas disciplinas no âmbito da educação básica. As questões formuladas ao longo do texto derivam da análise de cadernos de campo, diários de classe e materiais de acervo de práticas educativas, a partir dos quais se articulam problemas socioambientais com a dimensão cultural e territorial dos educandos, no litoral do Paraná. As temáticas abordadas tangenciam questões relativas à pesca, à vida no mar. Os resultados e sua análise põem em evidência as escolhas e dilemas dos autores na definição de um percurso educativo implicado que é afetado pela experiência ambiental dos sujeitos envolvidos na constituição de uma memória ambiental partilhada.

Palavras-chave: Arte Educação Ambiental; Diários de Classe; Estudos da Forma; Estudos da Pesca; Educação Básica; Ensino de Ciências da Natureza.

¹**Artigo Original:** Recebido em 29/09/2024 – Aprovado em 19/11/2024 – Publicado em: 17/12/2024

Graduando em Licenciatura em Artes na Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral (UFPR Litoral), bolsista de Iniciação Científica (CNPq), Matinhos, Paraná, Brasil. e-mail: icaroa85@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2785-6241> (autor correspondente)

² Bióloga, Mestre em Ecologia e Doutora em Antropologia Social (UFRGS), Docente no curso de Licenciatura em Artes na UFPR Litoral, Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFICIAMB/UFPR), Matinhos, Paraná. e-mail: anaelisa@ufpr.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7058-3438>

* Apoio financeiro: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Abstract

This article is situated in the field of environmental education from a critical and interdisciplinary perspective, exploring its interfaces with the teaching of arts. Adhering to the pedagogical trends involved in the valorization of knowledge arising from experience, the article takes on the challenge of formulating strategies that make it possible to address contemporary environmental issues in a transversal manner with the various disciplines within the scope of basic education. The questions formulated throughout the text derive from the analysis of field notebooks, class diaries and materials from the collection of educational practices, from which socio-environmental problems are articulated with the cultural and territorial dimension of students on the coast of Paraná. The themes addressed touch on issues related to fishing and life at sea. The results and their analysis highlight the choices and dilemmas of the authors in defining an implied educational path that is affected by the environmental experience of the subjects involved in the constitution of a shared environmental memory.

Keywords: *Art Environmental Education; Class Diaries; Form Studies; Fishing Studies; Basic Education; Teaching Natural Sciences.*

1 Introdução

O presente artigo situa-se no campo da educação ambiental em uma perspectiva crítica e interdisciplinar, explorando suas interfaces com o ensino das artes. Aderente às correntes pedagógicas implicadas na valorização do conhecimento advindo da experiência (e.g. Pacheco, 2019; Bondía, 2002; Freire, 1985; Morin, 1981), assume-se o desafio de formular estratégias que possibilitem abordar as questões ambientais contemporâneas de forma transversal com as diversas disciplinas no âmbito da educação básica.

As questões formuladas ao longo do texto articulam problemas socioambientais com a dimensão cultural e territorial dos educandos, pondo em evidência as escolhas e dilemas dos autores na definição de um percurso educativo implicado e afetado pela experiência ambiental dos sujeitos envolvidos. Nessa perspectiva, o trabalho tem o objetivo de qualificar metodologias interdisciplinares que possibilitem a abordagem das questões ambientais em práticas de arte e educação, entendendo que o território de vida dos educandos pode ser estratégico nessa abordagem, tendo em vista que acolhe um conjunto de vivências, afetos e significados que reforçam o pertencimento ambiental. Metodologicamente, busca-se sistematizar e refletir sobre práticas desenvolvidas pelo autor durante o Estágio III - Regência no Ensino Formal da grade curricular do curso de Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, no ano de 2023, revisitando os registros do diário de classe e notas de campo referentes a essas vivências.

O estudo é norteado pela temática “Colagem: a Pesca no Litoral Paranaense” e se dá a partir da observação e análise de registros em caderno de campo, diário de classe, fotografias e

processos artísticos implicados nas práticas, conciliando os estudos que embasaram a pesquisa com as notas de campo de observação e registros de classe ministradas na escola.

O planejamento da regência de ensino formal foi aprofundado no espaço curricular de Projeto de Aprendizagem/PA, previsto no projeto político pedagógico do curso de Licenciatura em Artes, onde situa-se o Ateliê de Projetos coordenado pela autora-orientadora. Operando na modalidade de um grupo de estudos, o Ateliê de Projetos sediou os diálogos entre os pesquisadores-autores, articulando aportes da arte e da educação ambiental com metodologias derivadas de estudos anteriores desenvolvidos pelos autores (Almeida; Castro Freitas, 2024; Almeida; Castro Freitas, no prelo).

2 Metodologia

As práticas educativas descritas no presente artigo foram desenvolvidas no contexto do estágio obrigatório da Licenciatura em Artes e ocorreram no primeiro semestre de 2023, em turma do ensino fundamental 1. Trata-se de turma de 4º ano C, composta por 18 estudantes na faixa etária de 08 a 09 anos, na Escola Municipal Caetana Paranhos, localizada na cidade de Matinhos, Litoral do Paraná.

A prática pedagógica foi antecedida de quatro semanas de observação, período em que foram produzidos registros em diário de campo que contribuíram para o desenvolvimento das atividades posteriores. Em diálogo com os estudantes, foi produzido um banco de imagens com elementos que despertavam o interesse da turma, posteriormente utilizado em atividades de introdução à técnica da colagem.

Durante o período de observação, autor e autora dialogaram sistematicamente, compartilhando registros e estudos e ajustando o planejamento da unidade didática às questões observadas pelo autor-orientando em classe. Os registros da primeira vivência em sala de aula revelam o autor encantado ao se deparar com “pequenas criaturas curiosas que se aproximavam e faziam perguntas, desejando saber: quem ele era?” (trecho de diário de campo). No ateliê de artes da escola, o autor-educador foi apresentado pela professora supervisora como “professor de artes em formação”. Era um estrangeiro, estranho, sendo questionado e testado a todo tempo: - “Qual artista pintou O Grito?”; - “Albert Einstein é artista?” - essas e outras perguntas fizeram parte do rito de passagem e de aceitação instituído pela turma.

No mesmo período de Estágio, o autor cursava a disciplina de Psicologia da Educação, o que lhe possibilitou compreender que nessa faixa etária, os sujeitos vivenciam intensamente a experiência de diferenciação entre o “eu e o mundo”. A categorização ingressa como meio de organizar a abstração e, desse modo, nomeando, os sujeitos organizam o mundo em categorias, o que também possibilita uma melhor compreensão de si mesmos (Mahoney; Almeida, 2005, p. 23). Esse foi um fundamento importante tomado em consideração no planejamento das atividades. Assume-se que a criança vive o mundo em sua materialidade corpórea e em sua afetividade, mas lhe dá sentido a partir da simbolização, mediada pela linguagem. Nesse movimento contínuo, se dá a produção de um conhecimento de experiência e a compreensão de si mesma e do mundo. Como educadores sencienses e em diálogo, autor e autora tomaram em consideração o contexto do real vivido, como base para a construção dos meios de produção do conhecimento científico e artístico.

O período de composição das bases metodológicas incluiu estudos de Milton Santos (2006), cujos aportes foram fundamentais para compreender o território do litoral paranaense como fundamento para o trabalho, para a morada e para as trocas materiais e espirituais implicadas no exercício da vida em estrita fricção com o cotidiano.

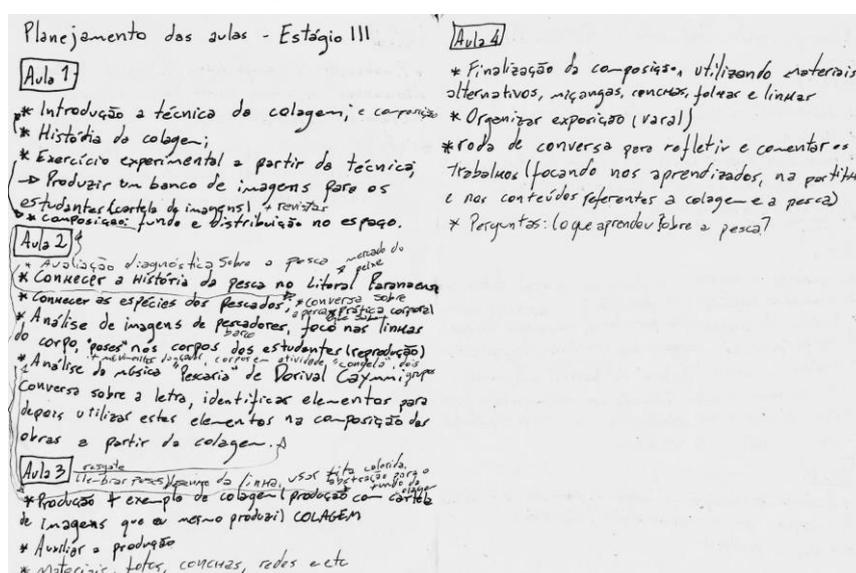
Após muitos estudos e reflexões, o plano de aula foi norteado pela realidade e pelo território em que a escola está situada - um espaço entre serra e mar, recoberto pela Mata Atlântica e sobre o qual incide a malha da urbanização de uma cidade litorânea que é afetada por fluxos sazonais, mas cuja população residente tem uma memória coletiva profunda e cadenciada pelos ambientes, materialidades e formas de vida que habitam o litoral do Paraná.

A unidade didática de ensino de artes em foco no presente artigo foi organizada em 4 planos de aulas (Figura 1), com a duração de 2 horas cada uma, centrada na temática “Colagem: a Pesca no Litoral Paranaense”. O estudo da colagem no ambiente escolar possibilita a mobilização criativa de imagens e linguagem, permitindo a composição e atitude crítica de cada sujeito para expressar sua percepção acerca do tema gerador - A Pesca no Litoral Paranaense. As atividades foram desenvolvidas em torno desta temática com o propósito de que os estudantes pudessem refletir sobre uma realidade que faz parte da sua vida cotidiana no território em que habitam.

Um dos principais aportes metodológicos que fundamentou os estudos preparatórios às práticas foi “A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira” (Diegues, 2004). Neste trabalho, o autor analisa a importância da atividade de pesca na

formação de comunidades humanas no litoral sul brasileiro. Focalizando os conhecimentos, práticas e tecnologias sociais envolvidos na pesca artesanal, Diegues (2004) propõe que esta atividade é central e agregadora de um conjunto de conhecimentos implicados na manutenção, reprodução e recriação da cultura e do modo de vida caiçara. A pesca artesanal articula a vida no mar com a vida na terra, mobilizando conhecimentos ecológicos sobre o habitat e a dinâmica de diversas populações de peixes, seus habitats, e a relação dessas populações com os ambientes. Trata-se de um conhecimento de experiência (Bondía, 2002), que atravessa os corpos e sujeitos pertencentes ao horizonte sociocultural caiçara e litorâneo.

FIGURA 1 - ESBOÇO DO PLANEJAMENTO DAS AULAS



FONTE: Acervo do Autor (2023).

O tema da pesca artesanal foi estrategicamente escolhido como tema transversal no planejamento das práticas de ensino descritas no presente artigo, por possibilitar, considerando o contexto educativo em que as práticas se desenvolveram, a produção de conhecimentos em artes aliados a conhecimentos implicados com os desafios da educação e sensibilização às questões ambientais. Ressaltamos a importância de que os estudos prévios à escolha do tema a ser trabalhado em unidade similar tomem em consideração o contexto socioambiental e cultural da vida dos educandos, a localização da escola e o território, possibilitando a produção de um conhecimento pertinente (Morin, 1986), um conhecimento de experiência (Bondía, 2002).

A escola na qual as atividades se desenvolveram situa-se na cidade de Matinhos, litoral do Paraná. Com cerca de 30.000 habitantes, o município distribui-se em uma série de

balneários, situando-se entre a Serra da Prata, recoberta pela Mata Atlântica, e o mar. Na orla do centro histórico da cidade, há um mercado de peixes limítrofe aos ranchos de pesca e embarcações artesanais fabricadas pelos pescadores e utilizadas na pesca de uma diversidade de frutos do mar. Diariamente, pescadores e pescadoras envolvem-se no circuito de atividades da pesca e na organização das embarcações coloridas, que podem ser visualizadas numa caminhada pela orla. Morando nesta localidade litorânea, as crianças participam de um universo cultural animado pelas imagens do mar, dos peixes, dos barcos e pescadores. Considerando que a pesca é parte do cotidiano dos educandos, a escolha do tema teve a intenção de possibilitar o reconhecimento de partilha de uma identidade em comum com as formas de vida do mar, buscando o desenvolvimento da percepção e localização dos educandos como sujeitos sócio-histórico-culturais pertencentes ao território, passo importante para seu envolvimento ativo com a conservação dos ambientes de vida marinhos e terrestres da região.

Para uma atividade baseada no saber científico, optou-se pela utilização de um banco de imagens para recorte, referenciando-se no “Jogo Didático-Científico Peixes de Água Salgada” produzido pelo Laboratório Móvel de Educação Científica da UFPR Litoral (LabMóvel, 2024). O material se baseia no contexto educacional do Litoral do Paraná e trabalha para a difusão, popularização, desmistificação e sensibilização para a educação científica e ambiental. O material catalogou 24 espécies de peixes de água salgada, entre eles está a emblemática Tainha, Sardinha e Robalo. Reúne informações como o nome científico e popular, ano de identificação, tamanho máximo, peso máximo e profundidade máxima a que as espécies podem chegar.

Para Freire (1985), os conhecimentos escolares e a realidade devem caminhar juntos. Em uma relação estabelecida no diálogo, aprender com o mundo é uma relação em que se ouve e fala com o mundo, aprende com o mundo e ensina com o mundo. Se participamos da humanidade, com nossa inteligência e sensibilidade, relacionando os conhecimentos com o mundo, nos humanizamos. Se apenas nos adaptamos ao mundo, perdemos a oportunidade de nos humanizarmos.

Durante as regências, entre as atividades, emergiram experiências afetivas com os sujeitos evocando memórias da pesca e do território. Uma parcela dos estudantes presentes eram filhos de pescadores, e outra parcela que não tinha tanta proximidade com a atividade pesqueira, o que necessitou que fossem feitas aproximações a partir dos alimentos que consomem na dieta cotidiana e que são derivados da pesca. Desse encontro emergiram

lembranças de tardes com a família em uma ilha para pescar, lembranças com o avô vendendo alimentos derivados da pesca na praia, relatos de viagens para pescar. Quando memórias recorrentes e recíprocas aparecem, um dos objetivos é alcançado: ao tocar o íntimo das imagens que nos habitam, evocando lembranças comuns, é possível constituir uma comunidade de memórias coletivas, encontrando a chave para produzir dispositivos mediadores potentes aos processos educativos. Pela cultura e pelas relações interpessoais, tais dispositivos podem agregar os participantes, educador e educandos, em uma tarefa comum. A arte educação e a educação ambiental se unem nesse ato, possibilitando uma mediação para a recriação de experiências.

Os processos artísticos compartilhados auxiliaram na construção de conhecimento, aqui não se elaborou apenas tarefas descoladas da fruição da vida, mas um estudo sobre o chão em que pisam, o território do litoral Paranaense, evocando valores e formas derivadas da cultura e do exercício pesqueiro, mas também da fauna marinha diversa deste território.

Como já exposto, aportes da psicologia da educação auxiliaram a fundamentar a prática educativa, propiciando a compreensão sobre a subjetividade dos educandos e levando em conta as diferentes perspectivas interseccionais dos mesmos - de classe, gênero, raça, etc, como condições e motivações de existência. Uma abordagem psicológica que tem compromisso com uma educação democrática. Primeiro, aquele que se compromete, o educador. Segundo, aqueles com quem se comprometem, os educandos. Terceiro, aquilo que se compromete, a educação emancipatória.

3 Resultados e discussão

Reunimos aqui alguns resultados das atividades ao longo das quatro aulas. A forma de apresentação dos resultados buscou socializar com leitores e leitoras as condições materiais da experiência educativa.

A primeira aula aconteceu em uma quinta-feira, dia 11/05/2023. Foi pensada com caráter introdutório e experimental da técnica da colagem e composição, também para fazer uma avaliação diagnóstica sobre a pesca.

A aula iniciou com questionamentos aos estudantes sobre qual lugar a arte ocupa na vida de cada um. Nos primeiros minutos da aula percebeu-se que o 4º ano C tinha muita afinidade com as artes visuais. Seguiu-se fazendo questionamentos acerca da técnica da

colagem, alguns se arriscaram ao dizer que a colagem utilizava imagens para produzir outras imagens. A partir desse diálogo a técnica foi introduzida e refletiu-se sobre composição visual, as exemplificações foram com um papel em branco, figuras em mãos distribuindo elementos sobre o papel, imagens aleatórias buscando uma simetria e mostrando as possibilidades, utilizando o espaço para a composição.

A primeira atividade foi um exercício experimental da técnica da colagem. Cada um com uma folha de papel, cola, tesoura, lápis de cor, gizes de cera e cartelas de recortes elaborado a partir de um estudo de campo realizado durante o período de observação com elementos de interesse da turma. Os interesses levantados incluíam o personagem Harry Potter, animais fantásticos, livros, videogames, entre outros (Figura 2). Exemplificou uma composição demonstrativa e foi solicitado que fizessem a atividade individualmente.

FIGURA 2 - BANCO DE IMAGENS PARA RECORTE I



FONTE: Acervo do Autor (2023).

As mesas do ateliê da escola permitiam que os estudantes se sentassem de frente uns aos outros. Em uma das mesas, onde se encontravam uns seis meninos mais agitados, o regente sentou-se buscando experimentar e sentir a horizontalidade na docência. Ali ensinou, mas aprendeu ao ensinar. Na mesa, a criatividade e a subjetividade circulavam, era um “círculo de cultura” (Freire, 2021), o exercício fluiu, se realizou, e a beleza da primeira aula residiu no encontro.

Ao final da aula, as atividades foram recolhidas e em mais um diálogo conversaram sobre a vivência e um dos meninos que estava sentado à mesa com outros meninos. Nicolas falou: - “Professor, é possível fazer muito com o pouco”. Aquela fala fez com que todos percebessem a abundância daquele espaço, tocando em um lugar muito sensível e bonito.

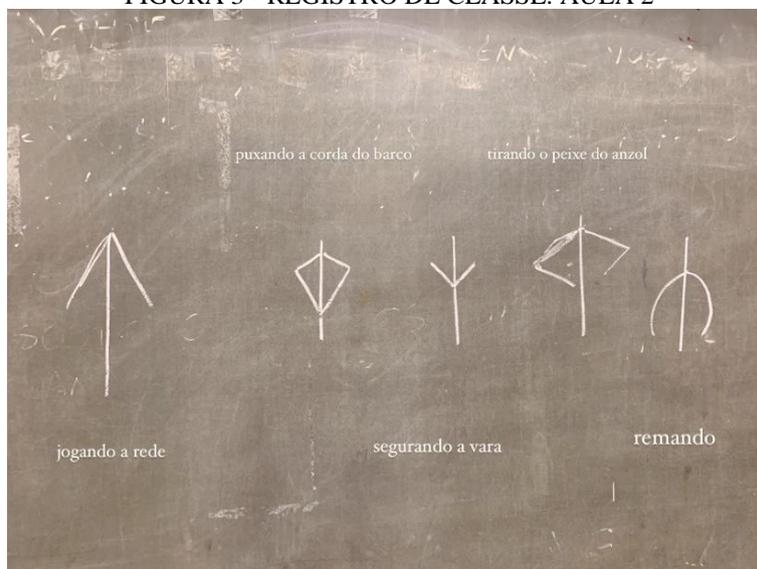
Para ensinar, o professor fez uma avaliação diagnóstica sobre a pesca, já que nesta aula não haviam adentrado ao assunto. A avaliação coletou informações para a aula posterior. As perguntas foram: “o que sabem sobre a pesca?”, “conhecem algum pescador?”, “já pescaram?”, “o que mais gostam da pesca?”, “quais alimentos são derivados da pesca?”, “quais são os jeitos de pescar?”, “conhecem o Mercado do Peixe da cidade?”. Neste último diálogo, as narrativas revelaram que muitas daquelas crianças eram filhos e filhas de pescadores. Um menino compartilhou sobre o trabalho da sua família: o pai é pescador, a avó faz salgados com os peixes que o pai pesca, e o menino sai na praia para vender com o avô. O menino tem orgulho e admira o trabalho suado da família, também se considera pescador e nos contou sobre seu kit de pesca. Além dele, outras narrativas foram acessadas. Uma menina, contou que o avô e o pai gostam de viajar para pescar, nos contou sobre as iscas de camarão que usam pelas redondezas de Ponta Grossa.

Aquelas crianças, sujeitos de experiência, evocaram suas memórias durante a aula: uma aula em que se aprendeu e se ensinou, uns com os outros a partir das vivências de cada um e de todos com o mundo, atravessando e sendo atravessado, constituindo uma comunidade de conhecimento. No momento da partilha podemos perceber que a aula tocou o íntimo de cada participante - e quando se toca o íntimo, tece comunidade. Recordamos de uma palestra do educador português, José Pacheco: “o educador se torna educador pelo amor ou pela vingança” (Pacheco, 2019), a presente prática é pautada no amor mas também na vingança. O maior objetivo é que esses sujeitos se sintam pertencentes a este território que estão situados e se apropriem dos saberes que são seus por direito. Após a primeira aula, o professor se sentou com a professora supervisora no refeitório e alguns estudantes o abraçaram com ternura. Ali, desfrutou de uma alegria fatal.

A segunda aula (Figura 3) foi sobre encantamento, aconteceu em outra quinta-feira, dia 25/05/2023. A aula iniciou retomando as discussões da aula anterior refletindo sobre a cultura da pesca e apresentando no projetor algumas espécies dos peixes mais comuns do território. Para isso foi utilizado o jogo didático científico produzido pelo LabMóvel (2024). O trunfo tem 24 das espécies de peixes que vivem no Litoral do Paraná, dentre elas a tão conhecida Tainha,

Cavala, Robalo, Baiacu-ará e muitas outras. O material reúne informações sobre o ano de identificação, tamanho máximo, peso máximo, profundidade máxima a que cada espécie pode chegar e seu nome científico.

FIGURA 3 - REGISTRO DE CLASSE. AULA 2



FONTE: Acervo do Autor (2023).

Durante o jogo, outras memórias foram evocadas e narradas, enriquecendo as discussões sobre suas percepções e experiências que tiveram com aqueles peixes. Alguns relataram a experiência gustativa do alimento, outros a do trabalho da pesca, outros a história de alguém que pescou, como pai, tio e avô.

Em seguida, foram projetadas imagens de pescadores e pescadoras em suas atividades de trabalho, orientando os estudantes para que observassem os movimentos e as linhas corporais que se formavam com os gestos de jogar a rede, segurar a vara, tirar o peixe do anzol, puxar a corda e remar. Esta fase perdurou até a turma entrar em estado de observação atenta, pois os gestos e formas observados seriam rememorados durante os processos posteriores.

Ao término da apresentação das imagens, utilizando fitas adesivas coloridas, o regente fez linhas no corpo, marcando o tronco, as pernas e os braços. Logo após, distribuiu fitas adesivas coloridas às crianças, para que pudessem aplicar as linhas em seus troncos e membros. Vencida essa etapa, foram ao ateliê de artes. Nesse espaço experimentamos a audição da música “Pescaria”, de Dorival Caymmi. Neste ambiente animado pela música, foi proposto um exercício de mobilização e aquecimento corporal com a brincadeira de morto-vivo e, em seguida, propôs a brincadeira de simular os cinco gestos envolvidos na pescaria, estudados anteriormente: as crianças simulavam com seus corpos os movimentos de jogar a rede, puxar a

corda do barco, tirar o peixe do anzol e remar. Após a brincadeira, convidou cinco estudantes para que, na frente da sala, repetissem os movimentos para a turma, enquanto desenhava na lousa as linhas corporais formadas a partir dos gestos.

Tendo as linhas como ponto de partida, cada estudante produziu uma visualidade abstrata, derivada do estudo da forma dos gestos do corpo humano na atividade da pesca, utilizando materiais e técnicas diversas (colagem, desenho). Durante o tempo dedicado à elaboração das composições, os estudantes ficaram à vontade, para que as forças imaginárias de cada sujeito participassem do processo criativo, dando formas variadas à proposição inicial do estudo das linhas gestuais e posturais do corpo humano nas atividades da pesca. As ideias foram pouco a pouco ganhando tons e formas no papel; simultaneamente eram socializadas entre as crianças, que animadamente compartilhavam seus processos com os colegas, reciprocamente. Uma atmosfera poética e encantadora pairou sob esta aula. A sala estava plena de vida, criatividade, alegria e movimento.

Um dos estudantes chamou muita atenção no período de observação. O menino se apresentou como um amante das artes e da ciência, mostrando com entusiasmo seus desenhos (Figura 4). Nessa segunda aula, em especial, quando entregou o seu trabalho, o professor foi tomado por um deslumbramento.

FIGURA 4 - BARCO DE PESCA VISTO DE CIMA. AUTOR: ELIEL, 4º ANO

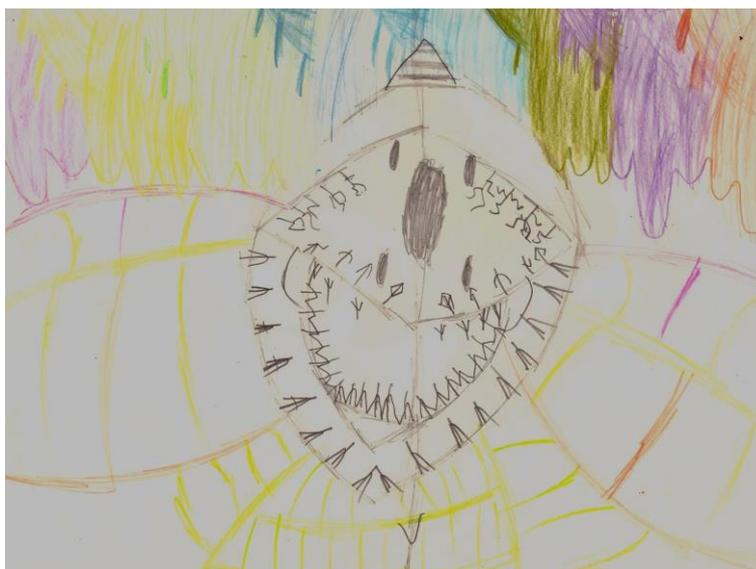


FONTE: Acervo do Autor (2023).

Após a aula, refletindo sobre a prática, o professor observou o trabalho por aproximadamente uma hora. Acreditou que se tratava de alguma criatura, um ser imaginário, elemental do mangue ou das profundezas das águas do mar. Na aula seguinte, ao questionar Eliel acerca dos sentidos expressos no seu desenho. E ele então afirmou ser a forma de um barco visto de cima. Ficou paralisado. Como não havia pensado nisso antes? Como podia aquela pessoa tão pequena ser tão inventiva? Neste dia compreendeu que estava entre os grandes do futuro: sucessores, artistas, educadores ambientais, cidadãos das transformações que o mundo necessita. Dialogando sobre essa experiência, durante as orientações de estágio, fomos atravessados pelo sentimento de um enorme respeito pela infância, compreendendo que a educação com sensibilidade, afeto e dialogicidade é a base para a formação humana engajada positivamente com o ambiente e todas as formas de vida.

Em um momento da aula, não eram apenas os dezoito estudantes, o professor e a professora supervisora. A aula foi um convite para muitas coisas que se juntaram a eles. O menino que falou na aula anterior que “era possível fazer muito com o pouco”, entregou sua atividade e disse que havia intitulado-a como “intruder”: com as linhas investigadas durante a aula fez uma criatura marinha gigantesca e disse que, após ver os peixes, quis criar uma criatura com cinco pupilas (Figura 5). O animal tinha um chapéuzinho de aniversário, pois estava em uma festa para a qual não havia sido convidado.

FIGURA 5 - INTRUDER. AUTOR: NICOLAS, 4º ANO



FONTE: Acervo do Autor (2023).

Este dia foi uma grande realização, pois as subjetividades emergiram e cada sujeito estava inteiro em seus processos. A aula foi encerrada com uma roda de conversa na qual lancei perguntas tais como: “já conheciam as espécies de peixes apresentadas na aula?”, “já haviam percebido os movimentos corporais dos pescadores?”, “quais são os objetos que os pescadores mais utilizam em sua atividade?”. Ao final, cada participante colaborou na limpeza e na organização da sala.

No dia 01/06/2023 a aula iniciou com uma conversa, falaram novamente sobre os nossos lugares de origem e alguns se entusiasmaram quando o professor informou ser natural de Tibagi. Alguns relataram já ter estado lá. A partir da conversa, surgiram narrativas dos encontros dos avôs com seres mitológicos. Um espaço se abriu para acolher histórias do avô, caçador de lobisomem, avô que viu um lobisomem na janela de uma fábrica e era um bicho preto e peludo de pele grossa, também uma história de que o avô de um amigo foi levar peixes em algum lugar e sentiu uma mão com garras em suas costas e, ao se virar, viu um ser com a boca ensanguentada. Era a aula anterior reverberando e encontrando outras criaturas.

Após a conversa, a aula prosseguiu retomando os conteúdos trabalhados nas últimas duas aulas anteriores. Relembramos fundamentos da técnica de colagem, composição e o trabalho que envolvia as linhas corporais. Em seguida, analisaram a letra da música “Pescaria”, de Caymmi. Um estudante, Uriel, lembrou que era uma música que ouvia com frequência na casa de seu tio pescador. Os estudantes foram orientados a escutar a música e perceber os elementos presentes na letra, refletindo poeticamente sobre o cotidiano de um pescador em atividade. Após a audição, a turma evocou elementos significativos que foram sendo escritos no quadro: “cordas”, “rede”, “canoa”, “remo”, “mar” e “peixe”. Seis estudantes foram à frente, cada um para ilustrar um dos elementos no quadro (Figura 6).

A seguir, cartelas com o Jogo Didático-Científico Peixes de Água Salgada do LabMóvel foram entregues para recorte (Figura 7). Igualmente foi distribuída a composição que havia sido realizada na aula anterior, desenvolvendo as linhas, organizadas em pastas. As pastas visavam a facilitar a organização dos educandos, possibilitando a criação de um banco de imagens pessoal, caso sentissem vontade de retomar o processo da colagem. Os estudantes foram orientados a retomar a mesma composição iniciada, para que a obra ficasse com mais elementos. Foi solicitado que explorassem a ilustração de elementos da música que estavam no quadro. Depois, foram orientados a prosseguir na colagem, com a cartela de recortes.

FIGURA 6 - ESTUDOS DA FORMA



FONTE: Acervo do Autor (2023).

FIGURA 7 - ESTUDOS DE BANCO DE IMAGENS



FONTE: Acervo do Autor (2023).

Nem todos ficaram tão entusiasmados com a ideia de colar os peixes nas composições - cada trabalho precisava ter no mínimo quatro figuras. Alguns optaram em fazer outras composições. Pela primeira vez as expectativas do educador em formação foram quebradas. Os estudantes terminaram a atividade rapidamente, faltavam vinte minutos para a aula acabar, o que pareceu muito tempo. Foi preciso repensar de imediato em algo que pudesse recuperar o envolvimento dos educandos. A opção foi dispor uma folha de papel kraft sobre o chão e propor uma obra coletiva com giz de cera e lápis de cor (Figura 8). Os estudantes estavam agitados, mas quando iniciaram a atividade a energia baixou, ficaram imersos. Do improvisado surgiu uma

das atividades mais prazerosas do ciclo de estudos. Transbordou felicidade. Cinco minutos antes de bater o sinal todos colaboraram para organizar a sala.

FIGURA 8 - ESTUDOS COLETIVOS DA FORMA.



FONTE: Acervo do Autor (2023).

Dia 15/06/2023, a última aula, teve os primeiros sessenta minutos disponíveis para que os estudantes terminarem suas composições. Foram disponibilizados os materiais preparados previamente: os educandos receberam mais uma cartela para recorte com as mesmas espécies de peixes que haviam trabalhado na aula anterior, mas com imagens em preto e branco. Além deste material, cada um recebeu um saquinho azul de organza, dentro dos quais continha palitinhos, fitas coloridas, linha, cliques e missangas (Figura 9).

O preparo delicado dos materiais é um fator importante para o envolvimento nas atividades. O objetivo era justamente sensibilizar os educandos para as vivências com as materialidades - elo para a sensibilização ambiental. Durante a semana da última aula choveu muito. A ideia inicial era levar objetos encontrados na praia, areia, conchas e outros materiais, mas em virtude do clima foi necessário rever a programação, improvisando os materiais em organza, Para garantir a materialidade do mar, foi disponibilizado sal para ser incorporado nas produções.

Conforme as atividades eram finalizadas, os educandos participaram na montagem de varais que receberam as composições desenvolvidas ao longo do processo das quatro aulas (Figura 10). Elaborados com barbante e grampos, os varais possibilitaram concluir as atividades

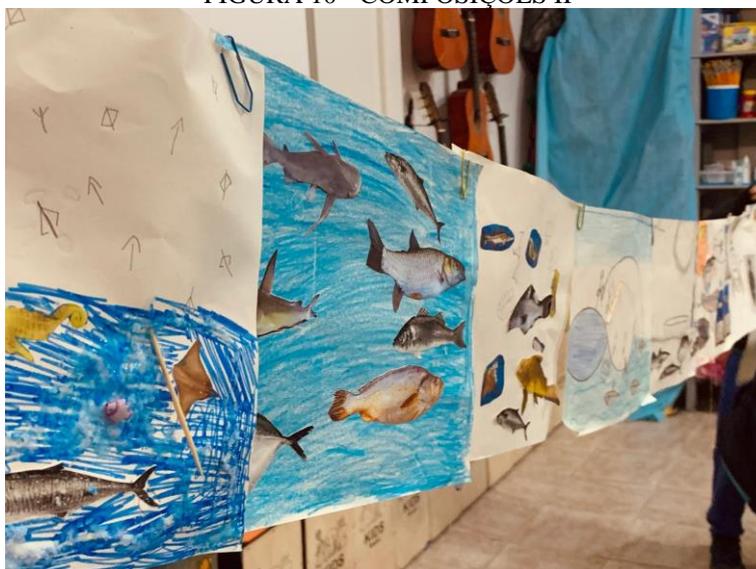
com um processo expositivo, um momento de apreciação e socialização das composições da turma.

FIGURA 9: MATERIALIDADE I.



FONTE: Acervo do Autor (2023).

FIGURA 10 - COMPOSIÇÕES II



FONTE: Acervo do Autor (2023).

Os estudantes estavam agitados durante o momento da apreciação dos trabalhos. O educador almejava ouvir cada um deles na avaliação do processo desenvolvido nas quatro aulas. Para chamar a atenção, pediu para que fizessem uma roda de conversa mediada por um novelo de barbante: o poder da palavra vinha com o novelo, possibilitando diversos entrelaçamentos.

Quem pegava o barbante compartilhava o processo. Este foi um momento muito significativo. Nas narrativas que os sujeitos seguiram evocando, as memórias se materializaram no processo.

Para iniciar a conversa e para avaliar o espaço educativo foram lançadas algumas perguntas: “o que vocês aprenderam que não sabiam antes?”, “vocês já conheciam a cultura da pesca?”, “vocês já conheciam a técnica da colagem ou conheceram aqui?”, “vocês sabiam que na técnica da colagem poderiam utilizar outros materiais?”, “o que acharam sobre este processo?”, “gostaram? Se sim, por quê?”. Após a roda de conversa encerrou a aula.

4 Considerações finais

Ao refletirmos acerca da experiência relatada, recuperamos os sentidos da formação em arte educação ambiental e como esta experiência reverbera no autor: como educador em formação, o autor se emocionou com o impacto do resultado e das relações construídas nesse período; refletiu que construiu grandes amizades, desde os “bagunceiros da sala” aos “mais aplicados”, percebendo que o caminho trilhado na constituição de uma comunidade de aprendizagem é o principal resultado do presente processo de arte educação ambiental.

Considerando o que o relato de experiência revisita a primeira vivência educativa do autor em uma escola, é possível identificar que ela ainda ressoa pelo corpo inteiro, sendo partilhada e reavivada enquanto escrevemos este trabalho. Para quem inicialmente pensou que viveria apenas as delícias da docência, este foi um relato sincero, mas sobretudo fala da realização, felicidade e esperança que residem na atuação educativa: em síntese, o mais importante na arte educação é quando as experiências subjetivas emergem e nos tocam profundamente.

A partir da experiência em campo de prática, o autor se reconhece como artista, pesquisador e educador. Recuperando os fundamentos compartilhados na pesquisa, consideramos: artista para se reconhecer como sujeito de experiência, para contar sua própria história. Na formação de artista é preciso acolher o processo de criação, o desejo e suas pulsões para dar vazão ao processo criativo. É necessário se acolher para acolher o outro e o mundo. Na formação para a pesquisa, é preciso estar em constante estudo, criando teias de relações, ideias para ter mais elementos de compreensão, ligando as partes ao todo e o todo às partes, e acolhendo as questões emergentes. E na formação para a educação, é necessário anunciar e criar as possibilidades para que outros possam também contar suas próprias histórias.

Reciprocamente, a autora-educadora experimenta o maravilhamento de acompanhar e participar do desabrochar profissional do orientando-autor, vivenciando processos simétricos de construção de conhecimento, assinatura e autoria. Os estudos dialogados, a análise colaborativa de registros e a escrita a quatro mãos do presente texto são indissociáveis de todo o processo almejado e vivenciado, o qual se desdobra em práticas permeadas de afeto e significados, planejadas e vividas pelo autor-educador, dialogada por ambos e se estendendo aos educandos na escola, como um dadivoso tecido de experiência. É justamente nesse entrelaçamento sensível de conhecimentos partilhados generosamente entre sujeitos e o mundo que se reanima a centelha de humanidade indispensável para as transformações planetárias urgentes e necessárias que vivemos.

Se no decorrer da pesquisa assumimos o desafio de estabelecer uma aproximação entre processos educativos em artes com aqueles da educação ambiental, ao final concluímos ser a valorização da experiência dos sujeitos no mundo e suas relações recíprocas de afeto a base material para processos educativos significativos e capazes de despertar a cidadania ambiental, necessária para a virada ontológica que nossa ecologia planetária exige.

Referências

- ALMEIDA, I. I. S.; CASTRO FREITAS, A. E. Poéticas das coisas: exercícios de uma escrita (AUTO) gráfica. **Anais do 15º Ciclo de Investigações 2023**. Florianópolis: UDESC, 2024.
- ALMEIDA, I. I. S.; CASTRO FREITAS, A. E. Poéticas Identitárias: a carta em processos artísticos e educativos. **Anais do Ciclo de Debates 2024: formação e arte nos processos políticos contemporâneos**. Florianópolis: UDESC, no prelo.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.
- DIEGUES, A. C. S. **A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira**São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/USP, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 80. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- LABMÓVEL. **Jogo didático-científico peixes de água salgada**. Matinhos, PR. Disponível em: <<https://labmovel.ufpr.br>>. Acesso em 27 de set. 2024.
- MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da educação [online]**, n.20, p. 11-30, 2005
- MORIN, E. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

PACHECO, J. **Aprender em Comunidade | Prof. José Pacheco | TEDxFortaleza** - TEDx Talks, 2019. 1 vídeo (16 min. 31 seg.). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=NMNVc0Yz434>. Acesso em: 20 set. 2023.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. **Geographia**, v. 1, n. 1, p.7-13, 1999.